

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
LEONARDO JOSÉ DE MELLO**

**O PEQUENO PRÍNCIPE E A INTERSUBJETIVIDADE:
UM OLHAR HERMENÊUTICO SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Juiz de Fora
2020

LEONARDO JOSÉ DE MELLO

**O PEQUENO PRÍNCIPE E A INTERSUBJETIVIDADE:
UM OLHAR HERMENÊUTICO SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Juiz de Fora
2020

MELLO, Leonardo José de. **O Pequeno Príncipe e a intersubjetividade**: um olhar hermenêutico sobre a educação integral. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)
Orientadora

Prof.^a Dra. Maria Inês de Castro Millen (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 07/12/2020.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu saúde e força para superar as dificuldades e também com muito amor, à minha família, em especial meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, que com seu amor paternal e misericordioso iluminou e guiou os meus passos na realização do presente trabalho.

Aos meus pais Antônio e Leni, aos meus irmãos Jaqueline e Robson, que me incentivaram nos momentos difíceis e lutaram junto comigo para que este sonho se realizasse.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, por contribuir em minha formação humana e acadêmica.

À coordenadora e orientadora Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelo zelo e ajuda nas orientações, sempre muito atenciosa e dedicada, compartilhando todo o seu rico conhecimento.

Às professoras: Dra. Mabel Salgado Pereira e Dra. Maria Inês de Castro Millen, pelas considerações e orientações sobre o presente trabalho.

Aos professores do curso de Filosofia, pelas correções e ensinamentos que contribuíram efetivamente para a construção de um pensamento acadêmico sólido.

À instituição de ensino Centro Universitário Academia, pela formação acadêmica de qualidade oferecida.

Aos meus amigos, pelas orações e pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

A grandeza de uma profissão é talvez,
antes de tudo, unir os homens: não há
senão um verdadeiro luxo e esse é o das
relações humanas.
Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

MELLO, Leonardo José de. **O Pequeno Príncipe e a intersubjetividade**: um olhar hermenêutico sobre a educação integral. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2020.

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo refletir sobre o conceito de intersubjetividade, conforme o filósofo Edmund Husserl o compreende, e ressignificá-lo na obra **O Pequeno Príncipe** (1943) de Saint-Exupéry, mais especificamente no capítulo XXI. Buscou-se investigar o modo pelo qual o ser humano se relaciona com os seus semelhantes, e como a partir desse relacionamento pode-se obter reflexões que fundamentem uma educação integral. Assim, todo o trabalho investigativo se pautou nesta problemática: seria possível relacionar as áreas filosófica e literária através de um exercício hermenêutico, tendo como elemento de ligação o conceito de intersubjetividade? E, ainda: o quanto o outro pode contribuir para a educação integral do ser humano? O caminho metodológico perpassou pelos dados biográficos de Saint-Exupéry, visando demonstrar de que forma suas vivências possibilitaram a concepção da referida obra. Em um segundo momento, foram abordados os fundamentos da fenomenologia sob a perspectiva do Edmund Husserl para justificar a pertinência da relação entre Filosofia e Literatura. O conceito de intersubjetividade se mostrou enquanto resultado do exercício interpretativo pautado na perspectiva filosófica de Husserl em diálogo com o conceito de educação integral. Dessa forma, da relação entre a obra literária e a filosofia husserliana pode-se abstrair que o processo de educação integral acontece por meio do compartilhamento das responsabilidades do ato de educar. Conseqüentemente, o sujeito é responsável pela educação do outro sujeito e vice-versa.

Palavras-chave: O Pequeno Príncipe. Intersubjetividade. Fenomenologia. Husserl. Educação Integral.

ABSTRACT

The purpose of this final course work is to reflect on the concept of intersubjectivity, as the philosopher Edmund Husserl understands it, and to re-signify it in Saint-Exupéry's **The Little Prince** (1943), more specifically in chapter XXI. We sought to investigate the way in which the human being relates to his fellow men, and how from this relationship it is possible to obtain reflections that support a comprehensive education. Thus, all investigative work was guided by this problem: would it be possible to relate the philosophical and literary areas through a hermeneutic exercise, having the concept of intersubjectivity as a connecting element? And yet: how much can the other contribute to the integral education of the human being? The methodological path went through Saint-Exupéry's biographical data, aiming to demonstrate how his experiences enabled the conception of the referred work. In a second step, the fundamentals of phenomenology were approached from the perspective of Edmund Husserl to justify the pertinence of the relationship between Philosophy and Literature. The concept of intersubjectivity proved to be the result of an interpretive exercise based on Husserl's philosophical perspective in dialogue with the concept of integral education. Thus, from the relationship between literary work and Husserlian philosophy, it can be abstracted that the process of integral education happens through the sharing of the responsibilities of the act of educating. Consequently, the subject is responsible for the education of the other subject and vice versa.

Keywords: The Little Prince. Intersubjectivity. Phenomenology. Husserl. Integral Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: HUMANO, ESCRITOR, ILUSTRADOR E AVIADOR FRANCÊS	11
2.1	O PEQUENO PRÍNCIPE E A FILOSOFIA: UMA AVENTURA HERMENÊUTICA	16
3	EDMUND HUSSERL: MATEMÁTICO, LÓGICO E FILÓSOFO	19
3.1	A FENOMENOLOGIA – O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO HUSSERLIANO	20
3.2	O MÉTODO FENOMENOLÓGICO – A FILOSOFIA COM STATUS DE CIÊNCIA	25
3.3	SUBJETIVIDADE, INTERSUBJETIVIDADE E O MUNDO DA VIDA	28
4	O PEQUENO PRÍNCIPE E A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA	32
4.1	INTERSUBJETIVIDADE: O ELO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA	34
4.2	O PEQUENO PRÍNCIPE E A INTERSUBJETIVIDADE: UM OLHAR HEMENÊUTICO SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa empreendida para a construção do presente trabalho de conclusão de curso se deteve sobre a área de Antropologia Filosófica com o intuito de investigar o ser humano através da forma em que ele se relaciona com seus semelhantes, e, como a partir dessa interrelação, pode-se obter reflexões que ajudam a pensar a educação sob uma outra perspectiva.

O presente trabalho investigará a possibilidade de uma aproximação entre o capítulo XXI da obra **O Pequeno Príncipe** (1943), de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), e o conceito de intersubjetividade desenvolvido por Edmund Husserl (1859-1938), objetivando perceber os aspectos da educação integral oferecidos a partir da relação entre os sujeitos. Posto isso, pretende-se responder às seguintes questões: seria possível relacionar as áreas filosófica e literária através do exercício hermenêutico, tendo como elemento de ligação esse conceito? E ainda: o quanto o outro pode contribuir para a educação integral do ser humano?

Nesse contexto, partiu-se da hipótese que o sujeito, através do estabelecimento de suas relações com as outras subjetividades, pode aprender e ensinar convivendo com o outro. Haveria um compartilhamento de experiências e vivências que colaboraria para a educação integral, que é uma proposta educacional na qual os sujeitos se alternam nos papéis de educador e educando.

O trabalho em um primeiro momento abordará a biografia do romancista, visando relacionar suas vivências com o projeto e a execução da referida obra, destacando a motivação, o contexto, o enredo e as personagens. Nessa seção, também será apresentada a relação entre a obra de Saint-Exupéry e o exercício hermenêutico. Em um segundo momento, apresentar-se-á o pensamento fenomenológico de Husserl, bem como os conceitos importantes de seu método, com o intuito de servir de substrato para a relação com a obra de Saint-Exupéry, posteriormente. Por fim, no terceiro momento será trabalhada a relação da obra **O Pequeno Príncipe** (1943) com o conceito de intersubjetividade sob a ótica fenomenológica de Husserl e como baseando-se nessa associação é possível perceber a contribuição do sujeito para o processo de educação integral de seu semelhante.

As obras que deram fundamentação teórica ao trabalho foram os livros: **O Pequeno Príncipe** de Saint-Exupéry (2015), para analisar o capítulo XXI e perceber

o quanto a Literatura pode ajudar a Filosofia na compreensão de mundo; a obra **A bela história do Pequeno Príncipe** de Cerisier e Lacroix (2013), utilizada com o objetivo de apresentar e contextualizar melhor a biografia do romancista. Do filósofo Husserl foram utilizadas: **A Ideia da fenomenologia** (1986), **Meditações cartesianas** (2001) e **A crise da humanidade europeia e a Filosofia** (2002), tais obras husserlianas foram utilizadas com a intenção de apresentar a biografia do autor, compreender sua fenomenologia e o conceito de intersubjetividade. Foram empregados também dois livros sobre o pensamento fenomenológico husserliano de comentadores/historiadores com a intenção de ajudar na compreensão filosófica e histórica da temática, são eles: **História da Filosofia** de Pradeau (2012) e **Compreender Husserl** de Depraz (2011).

Ainda foram usados os artigos: **Uma abordagem filosófica da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry** de Freitas (2015) e **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl** de Zilles (2007), que serviram como fundamentação para trabalhar a relação entre a fenomenologia e a obra literária. O artigo **Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral** de Gonçalves (2006) foi empregado com a intenção de apresentar o conceito de educação integral e quais são os seus desdobramentos. Como auxílio bibliográfico também foram utilizados três dicionários de Filosofia, com a intenção de compreender os termos de educação e intersubjetividade: **Dicionário de Filosofia** de Abbagnano (2007), **Dicionário de Filosofia** de Russ (1994) e **Dicionário básico de Filosofia** de Japiassú e Marcondes (2001).

A temática aqui proposta se mostrou relevante para a análise do cenário da educação brasileira diante de um ensino que prioriza em demasia o conteúdo formal. A relevância desta pesquisa consiste na proposta de reflexões para possíveis mudanças de estratégias que auxiliarão na oferta de um ensino integral pautado na intersubjetividade. Para desenvolver tal temática, foi adotada como metodologia a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

A aproximação do conceito intersubjetividade com este clássico da Literatura foi desafiante, uma vez que não foi possível encontrar trabalhos sistemáticos com esse propósito. Portanto, a proposta aqui é um olhar filosófico-hermenêutico em que o ponto de partida consiste na obra literária sem a pretensão de esgotar o assunto, mas, despertar o interesse para a possibilidade de outras leituras que não apenas as já determinadas a priori e validadas pela tradição com adjetivações restritivas.

2 ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: HUMANO, ESCRITOR, ILUSTRADOR E AVIADOR FRANCÊS

Ao se deparar com uma obra escrita, seja ela literária ou pertencente a outro gênero, observa-se nela, direta ou indiretamente, um reflexo das influências e experiências vividas pelo seu autor. Em virtude disso, para enriquecer o estudo e a pesquisa do tema proposto para este trabalho de conclusão de curso, faz-se necessário abordar o aspecto biográfico do romancista francês. Contudo, tais dados não foram trazidos visando apenas abordar o aspecto meramente histórico, mas, para destacar a relação entre as vivências experienciadas e o quanto essas influenciaram os escritos de Saint-Exupéry.

Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry, Conde de Saint-Exupéry, mais conhecido por Antoine de Saint-Exupéry foi um escritor, ilustrador e piloto francês, terceiro filho do conde Jean Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe, nascido em Lyon, na França, no dia 29 de junho de 1900. Teve a sua formação inicial sólida, estudando em colégios na França e na Suíça (CERISIER; LACROIX, 2013).

Em 1921, ingressou no serviço militar, no 2º Regimento de Aviação de Estrasburgo, tornando-se piloto militar e subtenente da reserva. Em 1926, indicado por um amigo, o Abade Sudour, é empregado na Sociedade *Latécoère* de Aviação, começando sua carreira como piloto de linha, voando entre Toulouse, Casablanca e Dacar. Nessa época, publicou seu primeiro livro, **O Aviador** (1926), descrevendo suas aventuras de piloto. Trabalhando posteriormente na costa sul do Marrocos, escreveu o **Correio do Sul** (1929), narrando sua experiência como aviador comercial e a rotina dos primeiros pilotos heroicos que se arriscavam no desempenho dessa atividade. Na década de 1930, trabalhou como piloto de provas para a *Air-France* e repórter do *Paris-Soir*. Em 1931, publicou o livro **Voo Noturno**, obra em que exaltou os primeiros pilotos comerciais que morreram no exercício de suas funções. Em 1939, fez os registros de suas próprias aventuras no livro **Terra dos Homens** (CERISIER; LACROIX, 2013).

No exílio de dois anos nos Estados Unidos, escreveu **Piloto de Guerra** (1942) e **Carta a Um Refém** (1943). Foi também nesse país que recebeu, de editores americanos, o convite e o incentivo para escrever e ilustrar obras literárias infantis. E esse certamente foi o estímulo e a motivação para a escrita de sua obra mais

importante: **O Pequeno Príncipe** (1943), foco principal deste trabalho de conclusão de curso.

Ainda no ano de 1943, Saint-Exupéry, retornando para a Europa, juntou-se às Forças Francesas Livres para lutar ao lado dos Aliados contra os Países do Eixo em meio a Segunda Guerra Mundial. Enviado em uma missão secreta ao norte da África, em 31 de julho de 1944, teve seu avião abatido por um caça alemão. Na época não foram encontrados destroços de seu avião e nem vestígios de seu corpo. Só em 2004 é que os destroços do seu avião foram localizados a poucos quilômetros da costa de Marselha, na França (CERISIER; LACROIX, 2013).

Através do relato de tais fatos biográficos é possível perceber que Saint-Exupéry viveu em um contexto histórico-social conturbado e violento: o da Segunda Grande Guerra, o que certamente deixou profundas marcas nele mesmo e também em toda uma geração. Entre tantas marcas, é válido ressaltar as influências sofridas pelas duas guerras mundiais e seu fascínio pela aviação. Destacam-se, igualmente, o amor pelo humano e sua paixão pela aventura, fatores esses que foram norteadores dos princípios e valores descritos em suas obras.

E é justamente em meio a Segunda Guerra Mundial, em seu exílio, que Saint-Exupéry inicia a escrita de **O Pequeno Príncipe** (1943) (tradução para o português)¹, que mais à frente se tornaria um dos maiores clássicos da Literatura e sua obra mais famosa, mundialmente reconhecida.

A imagem do pequeno príncipe não é um desenho que surgiu após o incentivo dos editores americanos. Saint-Exupéry já desenhava em correspondências, cadernos e até mesmo em guardanapos de papel a figura de um príncipezinho. Tal imagem foi inspirada em sua infância, conforme destaca Cerisier e Lacroix:

[...] antes de se tornar o herói de um livro, o pequeno personagem tinha se instalado na vida do escritor, surgindo nas margens dos seus manuscritos e das suas correspondências, com traços ainda hesitantes, às vezes dotado de asas, sobrevoando a Terra, acorado numa nuvem ou olhando de longe, lá do alto, uma graciosa colina arborizada (CERISIER; LACROIX, 2013, p. 7).

Foi justamente essa figura, um menino de cabelos loiros vestido de príncipe que chamou a atenção do editor Eugene Reynal e de sua esposa Elizabeth. Durante um almoço, enquanto desenhava em uma toalha o esboço do pequeno príncipe, o

¹ Do original em francês, língua materna de Saint-Exupéry: **Le Petit Prince**.

editor o indagou a respeito do desenho, ao que Saint-Exupéry logo respondeu: aquele desenho de um singelo príncipezinho seria o garoto que estaria presente em seu coração. Então, o editor o encorajou a tornar o seu desenho um herói de história infantil. E, a partir desse encontro, Saint-Exupéry, em 1942, assina um contrato com os editores americanos Eugene Reynal e Curtice Hitchcock para a publicação da obra (CERISIER; LACROIX, 2013).

No dia 6 de abril de 1943, a obra foi publicada em língua inglesa, na cidade de Nova York, pela editora de Reynal e Hitchcock. Depois da publicação e antes de partir para aquela que seria a sua última missão militar na Segunda Guerra Mundial, Saint-Exupéry presenteou sua amiga Silvia Reinhardt com uma câmera fotográfica e com os manuscritos e desenhos originais da história do príncipezinho. Na conversa de despedida, o francês gostaria de dar algo esplêndido a sua amiga, mas apontando para o saco que continha os escritos e suas aquarelas disse que era tudo o que possuía naquele momento (CERISIER; LACROIX, 2013).

Anos depois, mais precisamente em 1968, o *The Morgan Library*, um museu em Nova York, adquiriu os manuscritos originais e, em homenagem ao primeiro livro infantil de Saint-Exupéry, criou uma exposição de suas aquarelas e seus escritos (CERISIER; LACROIX, 2013).

Inicialmente, o sucesso da obra **O Pequeno Príncipe** (1943) foi moderado. Após dois anos de sua morte, o livro, enfim, chegou a sua pátria natal, a França. Mas, aos poucos, a obra, pelo seu conteúdo filosófico e poético, foi cativando e conquistando milhares de pessoas e se tornou um sucesso. Segundo o site licenciado sobre a obra, *The Little Prince*² (1943), são 200 milhões de livros vendidos em todo o mundo, 300 traduções e mais de 400 milhões de leitores, confirmando um feito que Saint-Exupéry não poderia imaginar ter alcançado. Outro fator que representa bem o alcance da obra é que alguns países a adotaram como fonte bibliográfica básica e leitura obrigatória para as séries iniciais de aprendizagem. Dessa forma, percebe-se que o livro conquistou patamares elevados no universo literário, marcando inúmeras gerações. Após apresentar a biografia de Saint-Exupéry, suas influências e motivações para a escrita da obra **O Pequeno Príncipe** (1943), na sequência do texto se deterá sobre os aspectos da obra, com o intuito de oferecer um substrato sobre o tema proposto (FREITAS, 2015).

² Site oficial: <https://www.thelittleprince.com/>

O personagem aviador-narrador relata sua experiência no deserto do Saara, quando seu avião sofre uma pane. Esse episódio é o ponto de partida para o desenrolar de toda a história, tendo uma ligação profunda com um acontecimento vivenciado pelo autor, como já mencionado acima, o que permite intuir a estreita relação entre obra ficcional e as experiências vivenciadas pelo romancista francês. No dia 30 de dezembro de 1935, às 02:45, após 19 horas e 44 minutos no ar, Saint-Exupéry e seu navegador-mecânico André Prévot caem no deserto do Saara. Eles estavam tentando quebrar o recorde de velocidade em uma corrida aérea Paris-Saigão (chamada de raid) e ganhar um prêmio de 150.000 francos. A aeronave era um *Caudron C-630 Simoun*, e acredita-se que o local do acidente seja próximo do vale de Wadi Natrun, perto do Delta do Nilo. Ambos sobreviveram ao acidente, mas seus mapas eram primitivos e ambíguos; então, acabaram por ficar sem localização. Tinham poucos alimentos e, com o passar dos dias, as alucinações foram aumentando, até que o resgate ocorresse na figura de um viajante em um camelo (CERISIER; LACROIX, 2013).

O enredo da obra **O Pequeno Príncipe** (1943) narra a amizade entre um homem (o aviador-personagem), frustrado e desacreditado, e uma criança com vestimentas que se assemelhavam a uma farda principesca. À época de sua infância, Saint-Exupéry foi incentivado a procurar algo mais sério do que uma carreira na área de expressão artística e, em virtude desse desânimo, deixa de lado sua aptidão para os desenhos e passa a investir na carreira de piloto. Na narrativa, portanto, o imaginário coloca ficção e realidade em um mesmo patamar; aviador-autor e aviador-personagem são uma e a mesma pessoa³ (CERISIER; LACROIX, 2013).

Após sofrer uma queda no deserto do Saara, o autor se depara com um menino de cabelos cor de ouro e um cachecol vermelho que lhe pede para desenhar um carneiro. O menino conta que habita um asteroide, o B-612. Nesse momento, o aviador-personagem decide mostrar os únicos desenhos que havia feito em sua vida: uma jiboia engolindo um elefante, cena descrita em duas representações; uma imagem retratando a visão exterior, a cobra com o abdômen dilatado, e a outra, o interior da cobra, com o elefante em seu ventre. Para a sua surpresa, o pequeno

³ A obra **O Pequeno Príncipe** (1943) ao longo de sua narrativa traz dois tipos de participação de seu autor: o aviador-personagem e o aviador-autor. No que se refere à primeira, é a narrativa de experiências vividas ao longo da carreira como piloto trazidas e desenvolvidas na obra. Referente à segunda, é o autor que vive a história, mas a observa de longe, articulando a narrativa com aprendizados que gostaria de transmitir para os seus leitores.

príncipe reconhece a jiboia com um elefante dentro, ao contrário dos adultos, que afirmavam ser um chapéu. Mas, o príncipezinho insiste em ter seu desenho de carneiro. E, a partir desse momento, inicia-se um diálogo entre os personagens, mote principal do enredo. O príncipezinho mais perguntava do que respondia às indagações do aviador-personagem, conservando o mistério da presença de tal figura em um cenário tão inóspito quanto inesperado (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Ao longo da história, o aviador-personagem, aos poucos, descobre que seu companheiro estava à procura de um carneiro para ajudar a devorar os baobás, que seriam árvores que estavam crescendo em excesso e prejudicando o seu planeta, tão pequeno, mas que possuía três vulcões e uma rosa, com a qual ele conversava, e por quem possuía um enorme afeto e por quem nutria um sentimento de proteção (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

O príncipezinho decidiu partir de seu planeta também em virtude da solidão, uma vez que a sua rosa, em quem muito confiava, mentira para ele. Em consequência disso, decidiu viajar por seis planetas até chegar à Terra. Nesse trajeto ele conheceu um rei, um homem vaidoso, um bêbado, um homem de negócios, um acendedor de lampiões e um geógrafo. Esses personagens, em seus respectivos planetas, levavam uma vida solitária, consumidos pelas obrigações a que eles próprios se impunham. E, diante de tais comportamentos, o pequeno príncipe não conseguia compreender o mundo dos adultos, que aos seus olhos era estranho. O último personagem, o geógrafo, o incentivou a conhecer a Terra que possuía boa reputação. Então, o príncipezinho decide partir para a Terra (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Em sua expedição por este planeta, o príncipezinho vivenciou diversas experiências como: escalar uma montanha e confundir o eco de sua voz com uma conversa; conhecer um jardim de flores e perceber que sua rosa não era a única; encontrar uma raposa, que lhe ensinou lições preciosas. Finalmente, conheceu ainda uma cobra, que lhe prometeu levá-lo de volta ao seu planeta de origem para rever sua querida rosa (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Após narrar as experiências do príncipezinho, o autor volta o seu foco para o diálogo entre ele e o seu companheiro de aventuras. Após oito dias no deserto, sua reserva acaba, o que o obriga a sair à procura de água. Após um longo percurso, finalmente encontram um poço, que seria o exato local de chegada do pequeno príncipe. O príncipezinho, aproveitando que a estrela que o havia trago se achava na mesma posição, decidiu partir, deixando ao aviador-personagem uma mensagem: a

de que sempre que olhasse para as estrelas, lembrar-se-ia dele. Após a partida do principzinho, o aviador consegue consertar seu avião e retorna para casa a salvo (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Nesse sentido, o livro **O Pequeno Príncipe** (1943) foi escrito por Saint-Exupéry envolvendo aspectos reais – inspirados em sua vida pessoal e profissional – e aspectos ficcionais – o que conferiu à obra um grande reconhecimento. Por seu conteúdo filosófico e poético, levou muitos estudiosos a se deterem sobre ela, buscando ainda mais aprofundar a relação dos textos com os aspectos cotidianos da vida dos seres humanos.

Uma das áreas acadêmicas a se deter sobre o texto de Saint-Exupéry foi a Filosofia, buscando compreender conceitos importantes que o autor desenvolveu em seus manuscritos e que estão presentes e podem ser associados ao pensamento de filósofos ao longo da história. Nesta abordagem filosófico-literária, destacam-se os conceitos de identidade, intersubjetividade e morte. Tais conceitos, dentre outros, são tentativas filosóficas de analisar este clássico da Literatura, o que indica a pertinência do presente trabalho. Dito isso, analisar-se-á a possibilidade de relacionar tais áreas e obter reflexões sobre a educação integral a partir do conceito de intersubjetividade (FREITAS, 2015).

2.1 O PEQUENO PRÍNCIPE E A FILOSOFIA: UMA AVENTURA HERMENÊUTICA

Ao realizar uma leitura desatenta ou superficial, poder-se-ia correr o risco de o leitor considerar **O Pequeno Príncipe** (1943) uma obra infantil ou ainda desprovida de sentido, não oferecendo valores a serem acrescentados na vida e no cotidiano das pessoas. Porém, uma leitura atenta demonstra o inverso, esse clássico da Literatura oferece uma profunda reflexão, seja para analisar a vida pessoal, observar situações corriqueiras e até mesmo auxiliar em resoluções de problemas de outros campos acadêmicos e científicos, como por exemplo: o Direito, a Psicologia, a Pedagogia, as Ciências da Linguagem e a Filosofia. Prova disso é que o número de trabalhos relacionando a obra de Saint-Exupéry com as diversas áreas do conhecimento tem aumentado substancialmente (FREITAS, 2015).

E, é justamente a partir dessa abertura da Literatura para se relacionar com outros saberes, que se pauta este trabalho de conclusão de curso, uma busca através do exercício interpretativo de demonstrar a possibilidade de relacionar as áreas

filosófica e literária. Desse modo, foi de suma importância apresentar os aspectos biográficos, as motivações para a escrita, a história e o enredo da obra **O Pequeno Príncipe** (1943), para que em posse desse conhecimento seja possível observar melhor a relação entre a Filosofia e a referida obra literária.

Ao longo do desenvolvimento da Filosofia, é notório que ela perpassou diversos contextos da sociedade através dos variados temas abordados pelos pensadores. É relevante lembrar que o pensamento de cada autor estava relacionado com um questionamento presente em seu tempo. A partir disso, ele colocava um problema e iniciava a sua investigação para tentar compreender melhor o seu contexto e os acontecimentos que o envolviam (FREITAS, 2015).

A Filosofia foi ao longo de sua evolução desenvolvendo a sua característica mais marcante: a postura crítica e indagativa. Partindo dessa postura, o presente trabalho investigará a possibilidade de ser identificado na obra **O Pequeno Príncipe** (1943), o conceito de intersubjetividade, desenvolvido por Husserl, objetivando responder: o quanto o outro pode contribuir para a educação integral do ser humano? Dessa forma, a relação entre a obra literária e a Filosofia será discutida a partir dos pressupostos fenomenológicos husserlianos, que fundamentarão o exercício hermenêutico, tendo como mote a perspectiva da educação integral do ser humano.

A análise da relação entre a obra de Saint-Exupéry e o conceito de intersubjetividade de Husserl, como observado anteriormente, será pautada na proposta da realização do exercício hermenêutico. Dessa forma, por se tratar de um conceito importante no corpo do presente trabalho, faz-se necessária a explicação de como será empregada esta atividade interpretativa.

O conceito de hermenêutica ao longo de seu desenvolvimento no contexto histórico-filosófico foi sendo caracterizado por diversos significados. Destes, destacam-se: a arte da interpretação dos livros sagrados, dos textos antigos, dos sinais e dos símbolos culturais. Tais sentidos da hermenêutica foram imprescindíveis para o estudo e compreensão desse conceito. Diante de várias definições é válido destacar em qual sentido está sendo empregado tal visão interpretativa (CRUZ, 2010 apud SIDI; CONTE, 2017).

No presente trabalho, o conceito de hermenêutica está sendo entendido como aquele que:

[...] reconfigura a interdependência linguística, que reconhece a voz do outro e implica reconstrução aberta à interpretação contextualizada, privilegiando os discursos dos sujeitos, de onde brotam novos sentidos expressivos à apropriação dos estudos históricos (CRUZ, 2010 apud SIDI; CONTE, 2017, p. 1943).

A partir dessa interpretação hermenêutica, o sujeito se vale de um instrumento primordial para ressignificar o mundo em sua volta, o que lhe permite rever os seus discursos e os seus posicionamentos. A subjetividade, dispondo do discurso hermenêutico como elemento que o permite pensar a sua realidade, se abre ao diálogo com as diferenças e com os diversos contextos, possibilitando a transformação de si e do outro. Assim, o sentido do conceito de hermenêutica implica no ato de compreender, que o caracteriza como um ato permanente de reconciliação com o outro, com a natureza, com a existência e com o mundo da vida (CRUZ, 2010 apud SIDI; CONTE, 2017).

Posto isso, o exercício hermenêutico que servirá como elemento de ligação entre a obra **O Pequeno Príncipe** (1943) e o conceito de intersubjetividade de Husserl deve ser compreendido como “a maneira pela qual interpretamos algo no movimento que interessa e constitui o ser humano, de formar-se e educar-se” (SIDI; CONTE, 2017, p. 1945). Ou seja, a proposta do exercício interpretativo é pautada na releitura da obra de Saint-Exupéry, buscando observar os gestos, as atitudes, o diálogo e a relação com o outro no capítulo XXI. E a partir desse olhar, buscar a compreensão de como o sujeito, que é capaz de se comunicar e de interagir, pode contribuir para a educação integral de seu semelhante.

A história do príncipezinho é difundida e compartilhada por milhares de pessoas. Porém, há ainda uma lacuna no que diz respeito aos estudos sistemáticos sobre a relação das áreas propostas neste trabalho. Posto isso, nas próximas seções, percorrer-se-á uma aventura hermenêutica com o intuito de compartilhar uma possível relação entre Literatura, Filosofia e Educação integral do ser humano.

3 EDMUND HUSSERL: MATEMÁTICO, LÓGICO E FILÓSOFO

Tendo apresentado os aspectos biográficos, as motivações para a escrita, a história e o enredo da obra **O Pequeno Príncipe** (1943), bem como a relação entre a obra e a Filosofia, que servirão de apoio para a compreensão deste tópico. Abordar-se-á, nesta seção, conceitos próprios à fenomenologia husserliana, mais especificamente o de intersubjetividade, com a intenção primária de perceber uma possível leitura da obra de Saint-Exupéry à luz de tal conceituação. Antes da apresentação das noções filosóficas de Husserl, faz-se necessário discorrer um pouco sobre sua biografia, com o objetivo de analisar as influências sofridas na construção de suas considerações e na elaboração de seu pensamento.

Fundador da fenomenologia, Edmund Gustav Albrecht Husserl, nasceu no dia 8 de abril de 1859 em Prossnitz, na Morávia, atualmente localidade pertencente à República Tcheca. Tendo concluído seus estudos primários e secundários nos liceus de Viena e Olmutz, frequentou as universidades de Leibzig, Berlim e Viena, estudando Astronomia, Matemática e Física. Tendo completado o seu doutoramento sobre a teoria do cálculo das variações, Husserl decide iniciar seus estudos na área da Filosofia, sendo profundamente influenciado por Franz Brentano (1838-1917), que posteriormente foi seu professor juntamente com Carl Stumpf (1848-1936) (BERNET, 2012).

Em 1886, passa a frequentar a faculdade de Halle, concluindo ali sua tese de habilitação intitulada: **Sobre o conceito de número** (1887) sob a orientação de Stumpf, que mais tarde serviu de base para a sua primeira obra importante: **Filosofia da aritmética**, de 1891. Além desta obra, o filósofo escreveu as **Investigações lógicas** (1901/1902), **Ideias diretrizes para uma fenomenologia-lógica** (1913), **Meditações cartesianas** (1929) e **A ideia da fenomenologia** (1907). Após 15 anos decide dedicar-se à carreira de docente na área de Filosofia, ministrando aulas em Gotinga, entre os anos de 1901 a 1916, depois transferiu-se para Friburgo até se aposentar em 1928 (BERNET, 2012).

No decorrer de sua carreira de professor, Husserl, assim como foi motivado para a Filosofia, também incentivou alguns alunos que futuramente se tornariam pensadores influentes. Dentre eles, podem ser citados: Adolf Reinach (1883-1917), Alexandre Koyré (1892-1964) e Edith Stein (1891-1942) em Gotinga. Já em Friburgo, destacaram-se: Martin Heidegger (1889-1976), Eugen Fink (1905-1975), Rudolf

Carnap (1891-1970), Jan Patočka (1907-1977) e Emmanuel Lévinas (1906-1995). Husserl escreveu até o seu falecimento, que aconteceu em 27 de abril de 1938, deixando mais de 40.000 páginas de escritos autorais (BERNET, 2012).

O contexto histórico e filosófico no qual Husserl teve seu pensamento moldado foi marcado pela influência de vários campos do saber e também diversos pensadores, dentre eles, destacam-se o:

[...] êxito de uma nova Psicologia – Hermann Helmholtz (1821-1894), William James (1842-1910), Franz Brentano, Carl Stumpf –, pelas pesquisas sobre a fundação da matemática – Carl Friedrich Gauss (1777-1855), Bernhard Riemann (1826-1866), Gerog Cantor (1845-1918), Leopold Kronecker (1823-1891), Carl Weierstrass Bolzano (1781-1848), John Stuart Mill (1806-1873), Gottlob Frege (1848-1925), Alexius Meinong (1853-1920) – e pelo nascimento de uma teoria da linguagem – Charles anders Peirce (1839-1914), Anton Marty (1847-1914). Dentre os autores clássicos, Husserl interessou-se primeiramente pelos empiristas ingleses – Locke (1632-1704), Berkeley (1685-1735) e principalmente Hume (1711-1776), para se dedicar em seguida às obras de Kant (1724-1804), Fichte (1762-1814), Descartes (1596-1650) e Leibniz (1646-1716). Os contemporâneos que mais contribuíram para seu pensamento foram Franz Brentano e sua escola, os neokantianos Paul Natorp (1854-1924) e Heinrich Rickert (1863-1936), Wilhelm Dilthey (1836-1911) e Gottlob Frege (BERNET, 2012, p. 412, grifo do autor).

Nesse contexto de formação intelectual de Husserl, o substrato de seu pensamento é, inicialmente, mais matemático, por influência de seu professor Karl Weierstrass (1815-1897), do que propriamente filosófico. Prova disso, é que suas primeiras obras abordaram assuntos como Lógica e Aritmética. Mais tarde é que Husserl desenvolve a sua fenomenologia, buscando superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo, e combater o psicologismo (BERNET, 2012).

3.1 A FENOMENOLOGIA – O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO HUSSERLIANO

O pensamento husserliano originou uma das mais profícuas correntes de pensamento filosófico na modernidade, que mais à frente influenciaria toda uma geração: a fenomenologia. Essa corrente/método inspirou o movimento filosófico e cultural no contexto pós Segunda Guerra Mundial, destacando a importância dos fenômenos da consciência, os quais deveriam ser estudados em si mesmos. A fenomenologia, conforme Husserl a descreveu, é uma proposta radical que buscava dar respostas às necessidades de sua época. Contudo, o seu pensamento possui

raízes em alguns pensadores anteriores e em alguns contemporâneos. Dessa forma, antes de abordar quais são os fundamentos dessa corrente de pensamento/método, serão apresentadas as suas raízes e as suas influências (DEPRAZ, 2011).

A fenomenologia desenvolvida por Husserl teve como proposta inicial oferecer um recomeço para a Filosofia, partindo de uma investigação subjetiva com rigor científico. Ela se iniciaria com os estudos dos fenômenos e como eles apareceriam à mente dos seres humanos, com o propósito de identificar as verdades da razão. Para formular suas considerações, Husserl se deteve sobre diversas correntes filosóficas, dentre elas, destacam-se dois autores que influenciaram o filósofo alemão. São eles: René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) (DEPRAZ, 2011).

No pensamento fenomenológico husserliano é notória a herança cartesiana. As meditações cartesianas seriam o primeiro impulso desse legado. O filósofo alemão adotou a atitude da dúvida, aproveitando esse pensamento para questionar as ciências de sua época e, os pensamentos que se impunham como evidentes. Partindo da dúvida cartesiana, Husserl desenvolveu o conceito de *epoché*, a partir da discordância de quatro pontos do pensamento de Descartes: 1) Da negação à suspensão; 2) Da dúvida provisória à *epoché* definitiva; 3) de uma motivação natural a outra transcendental; 4) Não integralidade da dúvida e universalidade da *epoché*. Em um segundo momento, observa-se que o pensamento husserliano radicaliza o *ego cogito* cartesiano, partindo para o *ego* transcendental (DEPRAZ, 2011).

Partindo da noção de subjetividade⁴ proposta por Husserl, percebe-se que há pontos de proximidade entre o fenomenólogo e Kant. O primeiro ponto que aproxima os autores é o conceito de transcendental, terminologia usada nas obras kantianas. No pensamento husserliano, a fenomenologia foi compreendida como idealismo transcendental, provando o papel decisivo que a Filosofia Crítica desempenha naquela. Esse conceito seria o horizonte que une os métodos kantiano e husserliano em uma proposta de busca pelas estruturas primárias apriorísticas da subjetividade apresentadas por ambos os pensadores (DEPRAZ, 2011).

Outro ponto de aproximação seria o próprio idealismo, uma vez que “Kant e Husserl definem o conhecimento como a atividade de um sujeito dirigida a um objeto ao qual o primeiro confere seu sentido” (DEPRAZ, 2011, p. 14). Isto é, o sujeito é o responsável por oferecer o sentido aos objetos. Nessa atitude, o sujeito e o objeto

⁴ No pensamento husserliano, o termo é compreendido como sendo o “sujeito singular e detentor de uma verdade absoluta situada em sua intuição interna” (DEPRAZ, 2011, p. 13).

apresentam uma subjetividade depositária da idealidade necessária à formação do processo da objetividade. O que permite concluir que o processo de conhecimento pressupõe uma capacidade *a priori* do espírito de identificar os fenômenos, que passam a ser conhecidos em suas consciências (DEPRAZ, 2011).

Além da influência desses pensadores, a corrente empirista também ofereceu suas contribuições para o pensamento husserliano. Inicialmente, é possível identificar uma certa filiação empirista através de David Hume (1711-1776) e John Locke (1632-1704). Porém, Husserl criticou radicalmente tal corrente de pensamento, cujo cerne consistia no “vínculo inveterado do empirista ao fato particular e contingente e, por conseguinte, na promoção de uma subsequente lei indutiva de generalização do particular” (DEPRAZ, 2011, p. 15). Nas considerações husserlianas não se alcança a generalidade de uma vivência ou de um fato. Em sua visão deve-se buscar desde o princípio a estrutura ideal da experiência. Eis a compreensão do pensamento fenomenológico como idealismo.

A fenomenologia husserliana possui outras raízes epistemológicas para além da Filosofia, como por exemplo: traços da Matemática, da Física, da Astronomia e da Lógica. Esses campos do saber científico contribuíram para a refutação e apresentação de alternativas para a compreensão de seu contexto histórico, como por exemplo, o psicologismo e o historicismo (DEPRAZ, 2011).

Husserl buscou embasar sua concepção de Filosofia em uma tentativa de superar a dicotomia entre o objetivismo e o subjetivismo. Concomitantemente, pretendeu construir seu pensamento fenomenológico, refutando o psicologismo. Este, em sua visão “defendia a tese de que a lógica compreende as normas que valem para todo o pensamento certo da mesma maneira como a engenharia apresenta as regras para construir bem” (ZILLES, 2007, p. 217).

Segundo o psicologismo, a Engenharia se apoiaria na Física e a Lógica se fundamentaria na Psicologia. O que na visão husserliana não acontece, pois “as proposições lógicas contêm verdades necessárias, puramente ideais; as proposições da Psicologia generalizam interpretações da experiência” (ZILLES, 2007, p. 217). Husserl considerou tais argumentos em virtude de a Psicologia pressupor a existência de seus objetos. Isso não pode ser válido para a Lógica, pois esta não parte de pressuposições. A partir dessas críticas, Husserl descreve as propriedades dos atos de pensar e perceber, da relação de pensado e percebido (ZILLES, 2007).

Quando se aborda a crítica husserliana ao psicologismo pode ocorrer a interpretação segundo a qual Husserl criticava toda a Psicologia, considerando essa que não é precisa. O fenomenólogo não concordava com alguns aspectos de determinadas correntes psicológicas, principalmente as naturalistas. Pois, estas se deteriam sobre os fatos observáveis, enquanto segundo o filósofo, elas deveriam levar em consideração a análise das condições da observação (DEPRAZ, 2011).

Husserl, ao contrário, valorizou a Psicologia, uma vez que sua fenomenologia se dá a partir das contribuições dela. Franz Brentano o introduziu na Psicologia Descritiva, mostrando-a como método de descrição dos estados e atos da consciência, visão essa distinta do psicologismo (DEPRAZ, 2011).

Husserl criticava o historicismo em razão dele resultar no relativismo e no ceticismo. Tal postura levaria à perda da validade absoluta das noções de verdade e de ciência. Na visão husserliana, a História não deve tomar como sua tarefa provar ou negar a possibilidade de valores absolutos de qualquer natureza. Husserl não quer desvalorizar a História, apenas procurou reconhecer que a motivação para filosofar não é proveniente das filosofias históricas, mas das coisas e dos problemas imersos no mundo da vida (DEPRAZ, 2011).

Husserl mesmo recebendo influência tanto de autores, quanto de correntes de pensamento diversas, conseguiu propor um método filosófico inovador, estabelecendo um diálogo com o passado histórico-filosófico e também com os seus contemporâneos, resultando em uma proposta de pensamento diferente. Mas afinal, o que seria a fenomenologia? Qual seria o seu objeto e o seu método?

A fenomenologia desenvolvida por Husserl “é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 1986, p. 22). Em outras palavras, a fenomenologia propõe o retorno às próprias coisas, indo para além dos sistemas filosóficos já desenvolvidos, encontrando-se em uma nova dimensão dentro do contexto filosófico, sendo seu principal “objetivo justificar a validade de uma afirmação ou de uma posição que diz respeito à existência dos objetos intencionais” (BERNET, 2012, p. 413). Nas palavras do filósofo, a fenomenologia também:

[...] designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico (HUSSERL, 1986, p. 46).

É justamente sobre esse pensamento que Husserl se debruça para desenvolver suas considerações sobre o método fenomenológico. Em sua visão, esse seria um método voltado apenas para a consciência enquanto consciência, uma busca pelas essências, o que está para além da realidade. A busca pelo transcendental, vai ao encontro dos fenômenos, contrariando qualquer visão de ciência objetiva, que delimita e engessa a questão pelo ser. Quanto à essência, Husserl a compreende como um conjunto de “conceitos, isto é, objetos ideais que nos permitem distinguir e classificar os fatos” (HUSSERL, 2002, p. 14).

Nas obras husserlianas, o conceito de fenomenologia aparece pela primeira vez no segundo volume das **Investigações lógicas** (1901/1902), com o subtítulo *Investigações sobre fenomenologia e teoria do conhecimento*. O termo, porém, aparece mais desenvolvido em **Ideias para uma fenomenologia pura e uma Filosofia fenomenológica** (1913).

Antes de apresentar sistematicamente como Husserl descreveu o método fenomenológico, cabem algumas questões pertinentes que ajudam na compreensão dessa proposta filosófica. O que seriam os fenômenos sobre os quais a consciência se detém? Quais seriam o objeto e o objetivo propostos pela fenomenologia?

No pensamento husserliano, o conceito de fenômeno é importante para compreender o porquê de todo o método fenomenológico se deter na explicação da relação entre a consciência e os fenômenos. Husserl descreveu o fenômeno em “dois sentidos em virtude da correlação essencial entre o aparecer e o que aparece” (HUSSERL, 1986, p. 35). Isto é, o fenômeno é compreendido a partir da manifestação das coisas à consciência, daquilo que aparece diante do sujeito cognoscente, consistindo na ciência dos fenômenos cognoscitivos (HUSSERL, 1986).

O objeto da fenomenologia, por sua vez, é a “correlação intencional entre os atos de consciência e seus objetos” (BERNET, 2012, p. 414). Ou seja, é a relação entre a consciência e o que se manifesta diante dela, mantendo uma relação profunda entre o sujeito cognoscente e os seus atos intuitivos. Em referência ao objetivo da fenomenologia, sublinha-se que é a “justificação de nossa crença na existência dos objetos e do mundo, resta, então, mostrar como a fenomenologia se torna a ciência deste conhecimento verdadeiro” (BERNET, 2012, p. 414). Com isso, Husserl quer demonstrar que para a aplicação do método fenomenológico é necessário partir da realidade do sujeito e também de algumas certezas indubitáveis que estão ao seu redor, como o mundo, por exemplo.

3.2 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO – A FILOSOFIA COM STATUS DE CIÊNCIA

Husserl ao longo do desenvolvimento de suas considerações sobre o método fenomenológico, teve como intenção primária oferecer uma alternativa às ciências de sua época, que lhe pareciam, em sua maioria, objetivantes. Então, o filósofo caracteriza a sua Filosofia como um método científico, baseado na Matemática e na Psicologia, a fim de oferecer um conhecimento seguro.

Para conferir o status de ciência ao método fenomenológico, o fenomenólogo teve que se atentar a uma questão e, ao mesmo tempo, a um obstáculo: como se obter uma ciência da consciência? Se aquilo que acontece na consciência é passageiro, como explicar tais fatores? Respondendo a essas questões, Husserl assevera que “isso só se torna possível se os atos são descritos do ponto de vista de sua estrutura invariável ou essencial” (BERNET, 2012, p. 414), o que justificaria o seu idealismo, a busca pelo essencial, o inalterável.

Partindo disso, há uma primeira abertura da fenomenologia, diferenciando-a da Psicologia Empírica. Aquela assume uma postura de ciência eidética, que aborda o estudo das essências. Como o próprio Husserl apontou, sendo a verdadeira abertura. Uma segunda, dá-se com a introdução da redução fenomenológica, que seria o primeiro passo para o caminho científico (BERNET, 2012).

A redução fenomenológica ou *epoché* tem por pretensão reforçar o caráter científico que seu método busca para conferir à Filosofia. A redução se propôs também verificar a possibilidade de um conhecimento verdadeiro da realidade, bem como, liga-se aos estudos que buscam compreender como as consciências se relacionam com os objetos através dos processos intuitivos. Para que isso ocorra, a análise da consciência deve ser isenta, ou seja, livre de qualquer preconceito no que se refere à realidade empírica (BERNET, 2012).

Uma primeira definição da redução fenomenológica seria a suspensão do juízo, colocando em suspenso o conhecimento das coisas e do mundo, a fim de buscar a essência do objeto, para o qual a consciência está voltada. Nas palavras de Husserl: “a redução fenomenológica proporciona o acesso ao modo de consideração transcendental; possibilita o retorno à consciência. Vemos nela como é que os objetos se constituem” (HUSSERL, 1986, p. 12).

Desse modo, a consciência intencional deve ser purificada de todas as influências empíricas já vivenciadas, a fim de que ela não remeta a um sujeito ou a

um mundo real, em virtude de o processo da redução propor a colocação entre parênteses da crença na existência do mundo. Isso ocorre porque Husserl quer oferecer ao sujeito uma visão purificada de qualquer pensamento preconceituoso proveniente de outras experiências, ou seja, quer oferecer um conhecimento verdadeiro do mundo de forma crítica, sem pré-julgamentos.

Nesse processo, a consciência torna-se consciência de algo e esse algo seria os fenômenos. Ainda é válido lembrar que o processo de colocar entre parênteses o mundo não significa renunciar totalmente a ele, mas apenas renunciar ao seu uso, até alcançar o conhecimento verdadeiro. E essa busca pelo conhecimento seguro dos objetos pela consciência é o objeto da fenomenologia transcendental (BERNET, 2012).

Quanto à fenomenologia transcendental, Husserl a conceituou como “fenomenologia da consciência constituinte e, portanto, não lhe pertence sequer um único axioma objetivo (referente a objetos que não são consciência)” (HUSSERL, 1986, p. 14, grifo do autor). Assim, ele confere ao método fenomenológico a pretensão de cientificidade para combater as ciências objetivas, que não procuravam compreender o todo do objeto.

Nessa perspectiva, Husserl introduz um pensamento filosófico que, posteriormente, ficou reconhecido como idealismo transcendental, no qual a existência dos objetos depende de uma outra existência, a da consciência do sujeito. “É somente graças a esta tomada de consciência dos objetos enquanto fenômenos puros (ou “*noemas*”) que a fenomenologia pode descrever a correlação entre as vivências intencionais (ou “*noesis*”) e seus objetos noemáticos” (BERNET, 2012, p. 416, grifo do autor). *Noesis* é o ato de perceber aquilo que a consciência visa, enquanto o *noema* seria o objeto da percepção e, ambos formarão a base da experiência que conduzirá o sujeito ao conhecimento verdadeiro. Diante dessas considerações, Husserl resolve o enigma da questão da existência do mundo, concebendo que o mundo real é também um fenômeno, que se dá e se constitui ao longo da experiência do sujeito e de sua consciência (ZILLES, 2007).

Husserl, tendo descrito seu método fenomenológico, propôs-se uma busca mais profunda. O seu objetivo seria o de investigar o que influenciaria a consciência e os seus processos cognitivos, o que aconteceria por detrás das reações conscientes. O fenomenólogo desenvolveu outros dois termos que são intimamente ligados a esse processo de investigação da consciência, estes seriam: o de consciência e o de

intencionalidade, pilares da compreensão fenomenológica, uma vez que explicam como ocorre o processo de relação entre consciência e objeto (HUSSERL, 2002).

Para Husserl, a consciência é intencionalidade, sendo compreendida como consciência de, isto é, dirige-se ou está voltada para alguma coisa. Ela “funda sentido como compreensão de algo que é (sentido do ser), através da intencionalidade, ou seja, através de sua orientação intencional para encher o vazio” (ZILLES, 2007, p. 218, grifo do autor). Nessa perspectiva, nota-se que a intencionalidade da consciência é de suma importância para a caracterização da fenomenologia. Pois, é a partir da intencionalidade que se constituem os objetos da consciência (ZILLES, 2007).

O conceito de intencionalidade, herdado da Psicologia Descritiva de Brentano, deriva-se do processo da consciência e designa o “ato e a estrutura fundamental da consciência pelo qual esta cessa de ser uma interioridade fechada nela mesma para se abrir aos objetos do mundo visado” (DEPRAZ, 2011, p. 218). Nesse contexto, a intencionalidade seria a essência da consciência, o processo/movimento pelo qual a consciência se dirige a cada objeto do mundo real em dois sentidos: o primeiro, seria a consciência de algo e o segundo, a consciência voltada para si mesma. Assim, a redução fenomenológica tem por tarefa tematizar o processo da consciência pura, o que levaria à essência e, por consequência, ao conhecimento verdadeiro e seguro (DEPRAZ, 2011).

Sobre o método fenomenológico, após apresentar o processo pelo qual se dá a busca pelo conhecimento e o seu desenvolvimento, será apresentado o conceito de redução eidética, o próximo passo de seu método e um outro termo fundamental na compreensão da fenomenologia em Husserl.

A redução eidética visaria atender à exigência de rigor científico que Husserl queria empregar em suas considerações. Tal redução está intimamente ligada à proposta principal da fenomenologia: a busca pela essência, o que mais uma vez reforça o seu caráter idealista. Husserl a caracterizou como uma forma de libertar o sujeito do fascínio exercido pelo mundo e pelos objetos. Com essa redução, Husserl “não busca, portanto, descrever vivências factuais, mas essências de vivências, que permanecem singulares e concretas sem, entretanto, serem particulares” (DEPRAZ, 2011, p. 37).

Outro ponto que é necessário destacar, é que a redução serviria como uma proteção contra o empirismo, para evitar que o método fenomenológico ficasse preso à questão do mundo real e de seus objetos. Pois a redução eidética “é a experiência

de uma modificação de nossa relação com aquilo que nos cerca, mesmo de nossa relação conosco mesmos” (DEPRAZ, 2011, p. 38). Sendo assim, ela buscaria oferecer ao sujeito cognoscente uma experiência que romperia com a simples realidade objetiva para oferecer a ele um profundo conhecimento da essência de seus atos de consciência (DEPRAZ, 2011).

Em suma, Husserl, através da fenomenologia, buscou oferecer à Filosofia um caminho a fim de se chegar a um conhecimento seguro e sem influências de preconceitos ou crenças pré-determinadas. Propôs a redução fenomenológica para o sujeito cognoscente colocar o mundo entre parênteses e buscar a essência das coisas. Em síntese, essa seria a proposta de seu método, mas como compreender o papel do sujeito diante dessa proposta fenomenológica?

3.3 SUBJETIVIDADE, INTERSUBJETIVIDADE E O MUNDO DA VIDA

A Filosofia Transcendental pensada por Husserl está intimamente ligada à análise do processo de constituição da subjetividade transcendental. A noção de subjetividade está associada ao conceito de intencionalidade e de redução:

[...] se todo o sentido e valor a dar ao Ser se baseiam em funções intencionais, com essa redução, o eu se manifesta como condição de possibilidade de ter em vista o mundo (fenômeno). Sob esse aspecto, a redução conduz ao eu como subjetividade (ZILLES, 2007, p. 218, grifo do autor).

Em suma, a formação do **eu**⁵ passa pelo âmbito intencional, uma vez que se baseia na forma como ele, através de sua consciência, capta os fenômenos que acontecem ao seu redor. A redução fenomenológica, por sua vez, conduz o **eu** pelo caminho do conhecimento verdadeiro e lhe confere a reflexão sobre sua subjetividade.

Dessa forma, o sujeito é o fator mais importante no processo de busca pelo conhecimento seguro, uma vez que o conhecimento estará intimamente ligado à sua forma de se relacionar com o mundo ao seu entorno. Na fenomenologia, o processo do conhecimento é caracterizado como “um fato da natureza, é vivência de seres orgânicos que conhecem, é um fato psicológico” (HUSSERL, 1986, p. 41). Assim, o

⁵ O conceito **eu** foi destacado no presente trabalho para dar ênfase a essa categoria cara ao pensamento husserliano e para uma maior clareza linguística. Pois, tal termo deve ser compreendido como uma categoria transcendental da fenomenologia de Husserl. Assim, o eu refere-se à subjetividade, fonte de toda certeza e de todo o saber no mundo da vida, seu horizonte de experiência (ZILLES, 2007).

conhecimento está ligado à própria natureza do ser humano, à sua dimensão psicológica. E esse processo é alcançado através da reflexão que, com a ajuda da redução fenomenológica, chega à percepção do “eu como fonte original de toda a certeza e de todo o saber e ter do mundo” (ZILLES, 2007, p. 218).

Ainda abordando as características do conhecimento, Husserl apresenta dois conceitos ligados à cognição: imanência e transcendência. “O conhecimento intuitivo da *cogitatio* é imanente, o conhecimento das ciências objetivas – ciências da natureza e ciências do espírito – mas também, vindo de perto, o das ciências matemáticas, é transcendente” (HUSSERL, 1986, p. 23, grifo do autor). A imanência é aquilo que está contido no interior do ato de cognição, é o conhecimento contido na própria consciência, já a transcendência é o conhecimento que está para além daquilo que é disposto, dado.

Nas considerações de Husserl, o sujeito não é compreendido como um ser solitário ou independente, como fora caracterizado pela visão solipsista. Para o filósofo alemão, o ser humano é constituído por suas relações com os outros, os seus semelhantes. Nesse processo de interrelação e de vivência dos fenômenos, o **eu** deve desenvolver como atitude a colocação do mundo entre parênteses e a busca por aquilo que é fundamental. A relação entre a constituição da subjetividade e a redução fenomenológica “conduz a duas estruturas universais da vida reciprocamente fundadas: minha vida e a do outro” (HUSSERL, 2002, p. 25). Desse modo, no método fenomenológico é abordada a intersubjetividade, ou seja, a relação do **eu** com o outro, termo esse que é o substrato e o elo de ligação com a obra de Saint-Exupéry.

No pensamento de Husserl, observa-se que conhecer a realidade através da percepção não é a única forma de entendê-la. É possível também captá-la através da experiência mediata. Esta seria uma experiência que o sujeito tem à medida que conhece o corpo animado do outro, isto é, o conhecimento que se tem de uma outra subjetividade que está diante do **eu**. É válido ainda ressaltar que à medida que o *ego* for conhecendo a sua própria estrutura, ele perceberá que diante de si existe um *alter ego*, portanto, existe uma estrutura não pertencente a ele, o que o motiva a conhecê-la (HUSSERL, 2002).

Nessa perspectiva, Husserl desenvolve o seu conceito de intersubjetividade, ou de subjetividade transcendental, como a relação/encontro do **eu** com o outro e, concomitantemente, como ela se dá. Em um primeiro momento, Husserl caracteriza a interrelação, sendo entendida aqui como sinônimo de intersubjetividade, como a

relação entre uma esfera originária com uma esfera primordial alheia, isto é, a relação entre o **eu** e o não-eu (HUSSERL, 2002).

O conceito de intersubjetividade é apresentado mais detalhadamente na quinta meditação de sua obra **Meditações cartesianas**: Uma introdução à fenomenologia (1929). É nessa seção que Husserl apresenta a relação entre a intersubjetividade e a comunidade de mônadas:

[...] partindo de mim mesmo como mônada original (*Urmonade*), chego a outros enquanto sujeitos psicofísicos. Mas numa compenetração intelectual do horizonte original do outro, descubro que a percepção de nossos corpos e a vivência da alteridade é recíproca (HUSSERL, 2002, p. 26, grifo do autor).

A intersubjetividade é relacionada com as mônadas em virtude de o **eu** ser considerado uma mônada modalmente originária que participa de um horizonte ou de um contexto que é constituído de várias outras mônadas, que a partir da relação formam um mundo em comum (HUSSERL, 2001).

Ainda abordando alguns fatos relacionados à intersubjetividade, Husserl, em algumas de suas obras posteriores, confere um aspecto teleológico à interrelação, isto é, ela teria uma finalidade, um objetivo. Especialmente, uma teleologia direcionada para a razão (HUSSERL, 2002).

Ao propor o método fenomenológico, Husserl rompeu com os saberes científicos que tinham por base o conhecimento objetivo. Em contraposição a este, a fenomenologia buscou compreender o mundo a partir da subjetividade. Nesse sentido, Husserl elabora a noção de mundo da vida (*Lebenswelt*) como alternativa ao objetivismo. Ele é dado ao sujeito como horizonte de experiência fundamentada no seu **eu**. Esse termo é entendido como algo espiritual e por isso é compreendido também como um fenômeno que acontece na consciência (ZILLES, 2007).

O conceito de *Lebenswelt* descrito por Husserl oferece um substrato seguro para a fundamentação do conhecimento e das descobertas científicas. Também serve para realizar uma “crítica radical das ciências, cuja idealização já é resultado de métodos de conhecimento fundados em nossa experiência imediata” (ZILLES, 2007, p. 220). Dessa forma, questiona-se as certezas ingênuas do âmbito científico, o qual assevera o conhecimento objetivo.

Partindo da fenomenologia e de seus desdobramentos, observa-se que o método fenomenológico é uma construção filosófica que se propôs buscar o

conhecimento verdadeiro e questionar as certezas ingênuas das ciências. O primeiro passo foi colocar entre parênteses o mundo aparente, a suspensão dos juízos e os pré-conceitos (redução fenomenológica), a fim de encontrar dados que permaneçam após a *epoché* e que sejam seguros. Assim, o fenômeno será analisado até ser encontrada a sua essência (redução eidética). Nesse sentido, é uma Filosofia teleológica, cujo fim é a própria razão, caracterizando, desse modo, a proposta científica rigorosa tão perseguida por Husserl (HUSSERL, 2001).

Em sua fenomenologia, Husserl propôs uma análise radical da realidade, partindo da consciência do sujeito. Percebeu que ela está frequentemente em um processo de relação, justamente, por ser consciência de alguma coisa. Essa relação pode ser tanto com outros seres humanos quanto com objetos, mas a medida será o sujeito. Baseando-se nesse contexto da intersubjetividade, buscar-se-á compreender, à luz da relação entre a obra **O Pequeno Príncipe** (1943) e a fenomenologia de Husserl, o quanto o **eu** poderia contribuir para a educação integral do outro.

4 O PEQUENO PRÍNCIPE E A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

A obra **O Pequeno Príncipe** (1943) de Saint-Exupéry, no contexto acadêmico, é considerada um livro infanto-juvenil devido ao estilo de escrita e de ilustração. Entretanto, se o leitor considerar apenas esse aspecto, correrá o risco de achar a narrativa infantil, não acrescentando nada a sua vida. A passagem da história do príncipezinho na qual ele se encontra no deserto junto ao avião é um dos trechos que mais oferecerá reflexões. Prova disso são as várias áreas do saber científico que se debruçam sobre ela. Nesse sentido, buscar-se-á compreender ao longo dessa seção em que a obra literária pode contribuir para o pensamento filosófico. Partindo dessa associação, pretende-se investigar a relação com a educação integral do ser humano.

Se observado o contexto de surgimento da Filosofia e os seus desdobramentos na contemporaneidade, nota-se como ela dialoga com os mais diversos campos do conhecimento, mediante uma atitude crítica e reflexiva. A partir desse processo de abertura para dialogar com as outras ciências que é possível relacioná-la com a Literatura, fato esse que contribui para o enriquecimento de ambas.

Antes de analisar propriamente como a obra **O Pequeno Príncipe** (1943) contribui para com uma leitura da educação integral do sujeito, se faz necessária a problematização sobre como o **eu** estabelece as suas relações com o outro: como o **eu** se relaciona com o não-eu? Qual o tipo de vínculo que é estabelecido? O que é oferecido nessa relação intersubjetiva? Essas perguntas são fundamentais para compreender quais são as contribuições da interrelação para a educação integral. Para analisar como o **eu** pode cooperar nesse processo educacional integral do não-eu e vice-versa, serão utilizadas as considerações fenomenológicas de Husserl, pois o conceito de intersubjetividade é um dos pilares de sua fenomenologia.

Husserl descreve a fenomenologia “baseando-se na análise reflexa do conteúdo do ato de pensar enquanto manifesta a realidade (fenômeno)” (HUSSERL, 2002, p. 6, grifo do autor). Para o filósofo, o método fenomenológico busca compreender a consciência do sujeito em sua relação com mundo e o que surge diante da mesma consciência, o fenômeno. A consciência é descrita no pensamento husserliano como consciência de, significando que ela está em relação com os outros seres e com os objetos, situados no mundo. Este, por sua vez, é caracterizado como o conjunto das significações atribuídas pelo sujeito cognoscente (HUSSERL, 2002).

O primeiro passo da fenomenologia husserliana é a colocação do mundo entre parênteses: a *epoché*. É a atitude de se abster de todas as influências preestabelecidas ou validadas por uma tradição. Baseando-se nesse primeiro aspecto, deve-se refletir como o **eu** estabelece os vínculos com os outros e repensar quais são as impressões sobre o não-eu. Essas visões estereotipadas podem impedir o sujeito de contribuir para a formação integral da subjetividade alheia. Com isso, dificultariam o processo de conhecimento pautado na interrelação (HUSSERL, 2002).

Esse aspecto de se abster das influências do mundo não consiste em uma negação da realidade ou da existência. Significa renunciar, metodicamente, ao seu uso até se alcançar o conhecimento seguro. Sobre o processo da consciência observa-se que ela (a própria consciência) é a condição de possibilidade do conhecimento, então, é a partir dela que se estabelecem os valores dos fenômenos. Assim, aquilo que o sujeito compreende é proveniente da forma como a consciência observa os fenômenos e suas significações (HUSSERL, 2002).

No método fenomenológico, o ser humano é reconhecido como um sujeito com autonomia. Ele é o autor de sua própria história, entretanto, está condicionado aos fenômenos que acontecem e que são significados por sua consciência. Essas significações são marcas de sua intencionalidade, que seria a responsável pela “produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido” (HUSSERL, 2002, p. 21). A intencionalidade tem também como função o estabelecimento da correlação entre consciência-mundo e sujeito-objeto, e esses, por sua vez, só possuem valor quando estão na referida relação. Nessa perspectiva, as vivências intencionais são responsáveis por orientar o sujeito diante de outros seres humanos e também dos objetos (HUSSERL, 2002).

A proposta filosófica husserliana é aquela que visa promover uma profunda reflexão sobre como o sujeito cognoscente analisa o mundo e suas relações. Husserl caracteriza o sujeito como aquele que se constitui a partir da reflexão. Em virtude disso, o **eu** está imerso em um processo de formação contínua. E, se o sujeito está se formando constantemente, as suas relações são as bases para que seu conhecimento seja moldado. Através de sua individualidade o sujeito contribui na formação integral da outra subjetividade (ZILLES, 2007).

Daqui em diante, investigar-se-á como o sujeito consegue colaborar na educação integral do seu semelhante. Nesse processo da análise da relação entre os sujeitos, o conceito de intersubjetividade, que é a relação entre um **eu** e um outro, é o

responsável, no exercício hermenêutico, por aproximar a obra **O Pequeno Príncipe** (1943) e a fenomenologia.

4.1 INTERSUBJETIVIDADE: O ELO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

Antes de analisar como Husserl através da conceituação de intersubjetividade pode contribuir para com a educação integral do ser humano, buscar-se-á compreender esse termo importante em sua fenomenologia. Tal conceituação se faz necessária para estabelecer a sua relação com a educação e para, posteriormente, relacioná-la com a obra **O Pequeno Príncipe** (1943).

Intersubjetividade é um conceito relativamente novo quando comparado ao percurso histórico de outros termos caros à Filosofia. A sua origem está relacionada ao contexto filosófico, principalmente, com o pensamento idealista de Hegel e a fenomenologia de Husserl. Portanto, o termo será abordado em uma perspectiva filosófica em virtude de suas raízes estarem relacionadas a essa área.

Em um dicionário geral de Filosofia, a intersubjetividade pode ser entendida como a “comunicação das consciências individuais umas com as outras, efetuando-se sob o fundo da reciprocidade” (RUSS, 1994, p. 155). Segundo essa definição filosófica, a interrelação é descrita como uma relação entre os sujeitos, que está pautada na correspondência recíproca entre eles, ou seja, baseada em uma mutualidade. Outra definição possível seria aquela que concebe a intersubjetividade como a:

[...] interação entre diferentes sujeitos, que constitui o sentido cultural da experiência humana. O problema da intersubjetividade está relacionado à possibilidade de comunicação, ou seja, de que o sentido da experiência de um indivíduo, como sujeito, seja compartilhado por outros indivíduos. Trata-se de noção encontrada contemporaneamente na fenomenologia e na filosofia analítica da linguagem, com o objetivo de superar o subjetivismo e o solipsismo (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 151).

Nessa definição, é possível abstrair três aspectos importantes a respeito da interrelação. Primeiramente, destaca-se o termo interação, que aborda a questão do contato, do relacionamento entre os seres humanos. O segundo fator importante a ser destacado é a linguagem, pois quando o sujeito não se comunica eficazmente, isso impede de relacionar com o outro sujeito. Por fim, o terceiro aspecto refere-se à

superação do subjetivismo e do solipsismo, visões que individualizam o sujeito e o afastam da coletividade, portanto, da interrelação.

Após apresentar o conceito filosófico de intersubjetividade e formar um substrato teórico inicial sobre o termo, investigar-se-á a partir deste momento o conceito sob a perspectiva do filósofo Husserl. A concepção husserliana de intersubjetividade parte da noção de sua redução fenomenológica, a *epoché*. Em decorrência dessa noção, apresentam-se os conceitos de vida do **eu** e vida do outro, distinguindo-se um *ego* (**eu**) e um *alter ego* (não-eu). À medida que o **eu** se constitui pela reflexão, ele percebe a constituição de um não-eu, conforme se observa nas considerações de Husserl: “o oposto do eu tem que ser outro eu. Ao *ego* só pode opor-se, propriamente, um *alter ego*” (HUSSERL, 2002, p. 25, grifo do autor).

À medida que o sujeito tem noção de seu corpo, ele percebe que existem outros corpos e, a partir desse momento, ele se relaciona com uma subjetividade alheia. Desse modo, a relação forma um nós, constituindo “uma pluralidade de seres que são “em si” e “para si” e que para mim só se dão no modo de “outro”, como alteridade” (HUSSERL, 2002, p. 25, grifo do autor). Ao abordar o conceito de intersubjetividade é importante destacar a constituição da própria humanidade, isto é, a relação entre os sujeitos cognoscentes. A partir dessa relação o sujeito constitui a sua própria concepção de humanidade (HUSSERL, 2002).

Após essa explanação inicial sobre o conceito de intersubjetividade, que é a relação das consciências baseada na reciprocidade, as duas subjetividades estabelecem entre si um mútuo reconhecimento. É justamente nesse reconhecimento da importância da existência do outro que será abordado o aspecto da educação integral.

4.2 O PEQUENO PRÍNCIPE E A INTERSUBJETIVIDADE: UM OLHAR HEMENÊUTICO SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL

O termo educação é utilizado em diversos contextos e de variadas formas. Nesse sentido, diante dessa sua pluralidade de significados se faz necessária a delimitação desse conceito, a fim de apresentar a proposta sobre a qual o trabalho se detém. Tal conceito pode ser compreendido como a:

[...] transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico. Como o conjunto dessas técnicas se chama cultura, uma sociedade humana não pode sobreviver se sua cultura não é transmitida de geração para geração; as modalidades ou formas de realizar ou garantir essa transmissão chamam-se educação (ABBAGNANO, 2007, p. 305).

Nessa definição, a educação é constituída por um conjunto de vários aspectos, estes que são aprendidos e, posteriormente, transmitidos conforme o contexto sociocultural. Consiste também na aplicação de métodos diversos visando o desenvolvimento intelectual e físico do sujeito, para que ele possa melhor conhecer e se apropriar do meio em que vive. Assim, a educação não se remete apenas à aprendizagem sistemática de um conteúdo em sala de aula. Ela também aponta para a aprendizagem de uma forma geral, que engloba conhecimentos que não são ensinados na escola, o que poderia ser compreendido como educação integral.

Dessa forma, buscar-se-á compreender a educação integral como a que educa pelo modo de ser e de se relacionar com as pessoas e com o mundo, caracterizando o educar pela intersubjetividade. É uma proposta de educação que extrapola o que acontece no espaço da estrutura escolar. Essa formação acontece pelo falar, andar, olhar e pelo convívio social. O sujeito é formado dentro e por um contexto social, histórico, econômico e cultural, ou seja, é uma forma educacional compartilhada por vários aspectos da sociedade (GONÇALVES, 2006).

Antes de se aprofundar a questão da relação entre a educação integral e a intersubjetividade, é importante destacar que a educação integral é diferente da educação em tempo integral. A primeira remete-se à formação do indivíduo por várias dimensões do saber, desde o educacional até o cultural. Na segunda, a educação acontece em um tempo maior vivenciado no âmbito da escola, oferecendo mais aprendizado ao aluno em horários diferenciados. Uma pode complementar a outra, porém, são formas educacionais diferentes (GONÇALVES, 2006).

A obra de Saint-Exupéry possui vários capítulos que oferecem uma riqueza de reflexões a partir de atitudes simples, mas o presente trabalho se deterá na relação intersubjetiva especificamente no capítulo XXI. Nessa seção, Saint-Exupéry (aviador-narrador) traz o célebre encontro do príncipezinho com a raposa, que lhe revela o desejo de criar vínculo. O encontro aconteceu após o pequeno príncipe ter vivido a sua pior experiência na Terra, quando encontrou outras rosas, semelhantes a que ele

havia deixado no seu planeta. O encontro o faz chorar e, em meio ao pranto, eis que surge a raposa. Durante a convivência a raposa lhe oferece preciosos ensinamentos, como a necessidade que os homens têm de criar laços, de se relacionarem. Partindo do foco discursivo desse capítulo que será delineado o exercício hermenêutico, orientado pela percepção da relação de intersubjetividade com a educação integral (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

O início do capítulo é marcado pelo momento do aparecimento da raposa, que inicia um diálogo com o príncipezinho. A partir desse encontro há um contato inicial entre um **eu** e um outro, formando-se, assim, a base da interrelação. É o momento no qual o sujeito reconhece uma outra subjetividade. Na visão husserliana seria a atitude pela qual o **eu** transcendental se afirma enquanto sujeito e, ao mesmo tempo, reconhece que há diante de si um *alter ego* (HUSSERL, 2001).

Esse encontro estabelece a relação entre as subjetividades e aponta para a constituição do sujeito a partir da relação com os outros, que, por sua vez, abre diversas possibilidades na vida dos sujeitos que se relacionam. Detendo-se sobre esse encontro, em um primeiro momento há o rompimento do estranhamento, permitindo ao sujeito diferenciar o não-eu e, assim, iniciar o processo de sua formação mediada pelo outro (FREITAS, 2015).

Nesse sentido, a percepção do outro enquanto sujeito é pautada nesse mesmo mundo da vida que envolve as subjetividades, como o próprio Husserl afirma:

[...] percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos desse mesmo mundo: sujeitos que percebem o mundo – esse mesmo mundo que percebo – e que têm, dessa forma, a experiência de mim, como tenho a experiência do mundo e nele, dos "outros" (HUSSERL, 2001, p. 106, grifo do autor).

E a partir dessa experiência de pertencimento ao mesmo mundo, o sujeito descobre e reconhece suas características a partir da percepção da outra subjetividade e experencia as vivências com o outro e com o mundo.

Após o contato inicial, o príncipezinho faz um convite à raposa, para que ela brincasse com ele, pois estava triste, mas a raposa nega o seu pedido, contrapondo que ele ainda não a havia cativado. Então, o pequeno príncipe decide indagar o que seria cativar. O príncipezinho não desistia facilmente de uma pergunta e continua a perguntar inúmeras vezes sobre o que seria o ato de cativar, exigindo uma resposta

da raposa, que afirma ser “algo quase sempre esquecido” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68) e completa: “significa criar laços” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

A necessidade de criar laços seria o primeiro passo para o processo da educação integral. O **eu** procuraria criar e amadurecer as relações com o *alter ego*, pautando-se na ajuda mútua e tendo a noção que à medida que contribui para o conhecimento do outro, também recebe formação da outra subjetividade. Esse aspecto seria importante para romper com a visão individualista, a qual afasta os sujeitos da interrelação. O encontro com o outro é o que possibilita ao **eu** ressignificar experiências e criar sentidos, passando de um ser solipsista para um ser que convive com os outros (GONÇALVES, 2006).

Na interrelação, o processo de educação integral acontece por meio do compartilhamento das experiências do sujeito, adquiridas ao longo de sua existência. Eis o que se conhece por bagagem cultural. Portanto, cabe ao educador tirar do aluno o melhor que ele pode oferecer a partir de suas vivências, e não lhe impor um fardo conteudista, anteriormente determinado. Afinal, o sujeito é constituído por várias dimensões, como as que dizem respeito às suas origens sociais, culturais, étnicas, de gênero, credo e espaço geográfico, que serviriam como uma alternativa de complementação ao método tradicional de ensino (GONÇALVES, 2006).

Na educação integral, o papel do educador pode ser ocupado por qualquer pessoa, desde que ela ofereça algum conhecimento que ajude no desenvolvimento do outro sujeito. Não há um protagonista, mas sim vários mediadores. É uma educação compartilhada (GONÇALVES, 2006).

Quando se aborda a educação integral como proposta, podem ocorrer leituras superficiais que conduzem o leitor a uma interpretação errônea. A educação integral não desvaloriza o conteúdo desenvolvido dentro do espaço escolar nas salas de aula. Essa iniciativa o considera, entretanto, o ensino formal não deve ser o único. O sujeito que está sendo formado poderia aprender outros valores que o ajudarão na vida cotidiana, extrapolando os limites físicos da escola. Portanto, esse modelo de educação busca reforçar o aprendizado em sala de aula com as contribuições de outras vivências (GONÇALVES, 2006).

Voltando à reflexão da raposa, após demonstrar ao príncipezinho o valor de se cativar alguém, ela lhe oferece mais um aprendizado: pelo ato de cativar, o outro se diferencia aos olhos do **eu**. A personagem da raposa explica que antes de tal ato: “tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu

não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

Nesse cenário do reconhecimento e significação da vida do outro, faz-se necessária a reflexão de como o sujeito, na sua singularidade, compreende a outra subjetividade. Tal observação se mostra pertinente em virtude de possibilitar um olhar que busca identificar os preconceitos para com o outro. Pois, uma vez identificados esses problemas, evita-se o isolamento dos sujeitos, bem como a atitude solipsista. Superada essa indiferença e os pré-julgamentos, a educação integral do ser humano obtém êxito, porque ela faz sentido quando os envolvidos ocupam ao mesmo tempo os papéis de educador e educando (GONÇALVES, 2006).

Dentro das possibilidades que a interrelação oferece, o significado do eu para o outro e vice-versa é de suma importância. Porque tal significado é o que distinguiria o sujeito que foi cativado em meio às outras pessoas. Esse seria o segundo passo para a educação integral: o reconhecimento da importância do outro na dimensão formativa (FREITAS, 2015).

À medida que são estabelecidas as relações entre os sujeitos, percebe-se que as pessoas envolvidas na interrelação se diferenciam diante de todas as outras, porque foram marcadas pela significação e reconhecimento diante da subjetividade alheia. Assim, a relação intersubjetiva contribui ainda mais no processo de formação, pois, com as duas subjetividades se relacionando, ajudar-se-ão no processo educacional, ao oferecerem a riqueza de sua bagagem sociocultural (FREITAS, 2015).

A partir desse encontro entre as subjetividades, nessa perspectiva de ensinar e aprender, o *alter ego* assume um significado especial diante do **eu**. Nas considerações de Saint-Exupéry, o mesmo significado seria representado pela célebre frase dita pela raposa ao príncipezinho: “nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

A vida da raposa se resumia, em sua própria percepção, em caçar e ser caçada: uma vida monótona. Mas, se aquele juvenzinho a cativasse, tudo seria diferente. Tudo teria um novo significado. Segundo a personagem: “se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68). Assim, no ato de cativar, a vida do **eu** e a vida do outro serão diferentes, “o outro cria expectativas de felicidade

quando se entrega num relacionamento de verdadeira intersubjetividade. As perdas e ganhos que temos com o encontro com o outro são positivas quando ele passa de uma situação de coisa para uma situação de sujeito” (FREITAS, 2015, p. 22). Dessa forma, à medida que o **eu** se deixa cativar pelo outro, o processo de formação faz mais sentido, em virtude da importância de sua presença.

Na narrativa, esse momento de felicidade é percebido quando os passos do pequeno príncipe anunciam a sua chegada à raposa, pois ele era único para ela, diferenciando-se dos passos dos outros homens. Além disso, a cor dos trigais faria com que ela se lembrasse dele, assim, já não seria uma simples plantação. Esse exemplo, da força do cativar na obra, ressignificado no presente trabalho, possibilita, hermeneuticamente, perceber que quando o educador conquista o educando, tudo aquilo que ele pretende ensinar toma uma dimensão diferente na vida do educando, pois o cativou (FREITAS, 2015).

À insistência da raposa em ser cativada, o príncipezinho afirmou não haver tempo, pois teriam amigos a descobrir e coisas a conhecer, ao que ela retruca “a gente só conhece bem as coisas que cativou” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 69). E completa, “os homens não têm mais tempo de conhecer alguma coisa. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 69). Por essa fala, é possível perceber a crítica do escritor a uma característica da contemporaneidade: o solipsismo, a atitude que leva o homem ao isolamento, a uma conduta exacerbada de individualidade. E essa postura inviabiliza a educação integral, pois afasta os sujeitos da relação intersubjetiva.

Detendo-se sobre essa passagem do bem conhecer a partir da experiência de cativar, esta atitude permite problematizar a postura educativa que tem cada vez mais espaço nas escolas: a visão que o aluno é avaliado pelas suas notas, e sua preparação se dá quase que exclusivamente para ingressar em uma universidade. Embora as avaliações e o ingresso no Ensino Superior sejam importantes, caberia à escola oferecer ao estudante uma formação para a vida de um modo geral, isto é, ofertar uma educação para o todo, e não priorizar apenas um aspecto. Sendo que, não são todos os alunos que desejam ingressar em uma faculdade ou em um curso técnico, então, a escola deve ajudar o estudante também a perceber suas características e ajudá-lo a trilhar o melhor caminho possível, conforme os seus desejos (GONÇALVES, 2006).

Para o meio escolar oferecer essa proposta educativa, o corpo docente deve conhecer bem os seus alunos e saber utilizar a sua bagagem cultural para o seu melhor rendimento. Nessa perspectiva, a educação integral assume um papel importante, pois se coloca como mais um instrumento alternativo ao método utilizado pelas escolas.

O exercício da educação integral é um processo longo e duradouro, pois não visa apenas depositar conteúdos no sujeito, não o trata como uma unidade produtiva de saberes. A educação integral é uma visão que procura romper com a cultura educacional meramente conteudista, que não se preocupa com as condições de ensino-aprendizagem. Posto isso, a intersubjetividade busca superar a atitude solipsista, como defendeu Husserl. O educador não deve olhar para o outro como uma unidade produtiva ou ainda um ser isolado, que deva apenas dar resultados, em contrapartida deve-se procurar formar o sujeito por inteiro e não em apenas um aspecto (GONÇALVES, 2006).

Retornando ao diálogo com a raposa, ela aponta o caminho para superar o individualismo e a solidão quando insiste com o pequeno príncipe para que a cativasse, descrevendo em detalhes todos os passos necessários. O primeiro passo seria a paciência, pois o outro não é dado de imediato ao conhecimento do **eu**; então, é necessária a paciência para conhecê-lo; depois, a necessidade de um ritual, que seria a diferenciação dos dias e das ações (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Quando o termo ritual é empregado, devido à grande influência da religiosidade na cultura brasileira, pode-se correr o risco de pensar que a raposa aponta para algo místico, porém, a expressão não deve ser compreendida dessa forma. O aspecto do ritual é necessário porque ao estabelecer uma relação com o outro, o **eu** “cria expectativas de felicidade quando se entrega em um relacionamento de verdadeira intersubjetividade” (FREITAS, 2015, p. 22). O rito constituinte da vida humana diferencia um contato do outro. Ele é importante, porque à medida que o **eu** se relaciona com o outro, oferece-lhe o que tem de melhor. Assim, o sujeito se sente responsável pela formação da outra subjetividade (FREITAS, 2015).

Nesse contexto, a relação entre **O Pequeno Príncipe** (1943) e a intersubjetividade confere ao sujeito, através da educação integral, uma formação multidimensional. Essa proposta envolve uma educação compartilhada, que consiste no educar pelo andar, pelo vestir, pelo falar e pelo olhar de vários outros sujeitos, que vão partilhando suas experiências de mundo. O diálogo entre o príncipezinho e a

raposa é uma atitude de educar pela interrelação e isso pode ser observado pela ótica do exercício hermenêutico.

E eis que a raposa oferece ao príncipezinho mais uma reflexão no momento de sua partida. Primeiro ela pede que ele retorne e reveja as rosas que havia observado anteriormente, então, o príncipezinho, após todos os ensinamentos, percebe que aquelas rosas, na verdade, eram vazias e não eram iguais à sua, pois foi a sua rosa aquela que ele cuidou e por quem foi cativado. Voltando-se para o pequeno príncipe, a raposa disse: “[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72). Partindo desse precioso ensinamento da raposa, o educador deve se preocupar com o aluno, pois o ato de educar não é simplesmente reconhecer o outro ou apenas aceitá-lo. Educar é se responsabilizar pelo outro, é transpor os limites meramente conteudistas em sala de aula. A educação é um ato compartilhado pelo qual todos devem se sentir responsáveis, dá-se no exercício coletivo e enquanto não for possível educar para a intersubjetividade, será inviável um projeto de sociedade capaz de desenvolver sensibilidade e responsabilidade para com o outro. Com esse aprendizado, percebe-se que “o ser-para-o-outro é responsável pelo outro” (FREITAS, 2015, p. 23).

Por fim, a raposa apresenta o seu último ensinamento ao príncipezinho: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 74). Nessa frase de Saint-Exupéry, destaca-se a corresponsabilidade, à medida que o sujeito cria laços com os outros, estabelecendo uma relação intersubjetiva, o **eu** assume responsabilidades sobre a atitude de cativar. A interrelação não é apenas cativar por cativar ou simplesmente estabelecer um contato; as subjetividades envolvidas no encontro são responsáveis por tal atitude e, dessa forma, devem zelar uma pela outra. Nesse sentido, o processo de educação integral acontece por meio do compartilhamento das responsabilidades do ato de educar, com isso o **eu** é responsável pela educação do outro e vice-versa, o que constitui o educar integral pela intersubjetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra **O Pequeno Príncipe** (1943) de Saint-Exupéry marcou e ainda marca várias gerações e, a cada leitura, encanta crianças, jovens e adultos, em virtude de seu conteúdo poético e filosófico. Partindo dessa motivação literária, foi proposto neste trabalho de conclusão de curso perceber o quanto esse clássico da Literatura pode contribuir com a Filosofia, mais especificamente relacionando-o ao conceito de intersubjetividade, um dos pilares do pensamento fenomenológico de Husserl. A fim de tratar o tema proposto, o capítulo XXI desta obra foi utilizado, para a partir dele compreender como a relação intersubjetiva contribui para com a educação integral do ser humano.

Em um primeiro momento, foi trabalhada a biografia do autor Saint-Exupéry e a história desse clássico da Literatura, com a intenção de perceber o quanto sua vida e suas experiências influenciaram na escrita da sua obra, objeto deste estudo. No segundo momento, apresentou-se a Fenomenologia nas considerações husserianas e os seus conceitos principais, que colaboram efetivamente para a construção de seu pensamento. Por fim, no terceiro momento, abordou-se a proposta do exercício hermenêutico: a relação entre a obra de Saint-Exupéry e o conceito de intersubjetividade e o quanto tal relação possibilitaria uma aproximação e compreensão de uma educação integral do sujeito.

Embora seja um assunto ainda pouco desenvolvido – a relação entre **O Pequeno Príncipe** (1943) e a Filosofia – essa interação filosófico-literária permitiu perceber que o ser humano tem diante de si uma outra consciência intencional, um outro-eu ou ainda um não-eu, mas que, ao mesmo tempo, o conhecimento do **eu** perpassa esse outro, então ele é importante para o **eu**. À medida que se constitui a relação, assim forma-se uma comunidade intersubjetiva. Pôde-se notar também que o ser humano a partir do estabelecimento de suas relações com os seus semelhantes consegue aprender e ensinar apoiado nessa interrelação.

Analisando hermeneuticamente as frases da narrativa literária, no diálogo entre a raposa e o pequeno príncipe, é notório que o ser humano é essencialmente um ser de relações. Ele é impelido a criar laços, romper com a sua objetividade, sair do seu individualismo e se tornar um ser-com-os-outros, pois não está solitário neste mundo. Mas, é, concomitantemente, responsável por aquilo que ele cativa, isto é, por aquilo que ele estabelece de vínculo com o outro. Nesse sentido, compreende-se que o

processo de educação integral acontece por meio do compartilhamento das responsabilidades do ato de educar, com isso o **eu** é responsável pela educação do outro e vice-versa, formando-se assim o educar integral pela intersubjetividade.

A relação hermenêutica entre as áreas filosófica e literária, representadas respectivamente pela Fenomenologia de Husserl e a obra de Saint-Exupéry, possibilitou a compreensão de que o sujeito é formado por várias dimensões, como as suas origens sociais, culturais, étnicas, de gênero, credo e espaço geográfico.

Nesse sentido, o processo de educação integral acontece por meio do compartilhamento das experiências do sujeito, adquiridas ao longo de sua existência. Eis o que se conhece por bagagem cultural. Portanto, cabe ao educador tirar do aluno o melhor que ele pode oferecer a partir de suas vivências, e não lhe impor um fardo conteudista, anteriormente determinado.

Na educação integral, o papel do educador pode ser ocupado por várias pessoas, desde que elas ofereçam uma contribuição para com o conhecimento, que elas ajudem no desenvolvimento do outro sujeito. Não há um protagonista, mas sim vários mediadores. É uma proposta de educação compartilhada.

A educação integral não desvaloriza ou menospreza o conteúdo desenvolvido dentro do espaço escolar nas salas de aula, o que é conhecido como conteúdo formal; essa iniciativa o considera, entretanto, esse ensino não deve ser o único. O sujeito que está sendo formado deve aprender outros valores que o ajudarão na vida cotidiana, extrapolando os limites físicos da escola. Portanto, esse modelo de educação busca reforçar o aprendizado em sala de aula com os ensinamentos de outros aspectos do meio em que vive.

Por fim, a análise da obra **O Pequeno Príncipe** (1943) possibilitou relacionar o conceito de intersubjetividade em Husserl com a obra supramencionada, através do exercício interpretativo. O que permite outras leituras desse clássico literário, que abrem espaço à resignificação do papel do **eu** e do outro no processo da educação integral, permitindo um conhecimento/aprendizagem mútuo.

REFERÊNCIAS

BERNET, Rudolf. Edmund Husserl. In: PRADEAU, Jean-François (Org.). **História da Filosofia**. 2. ed. Tradução James Bastos Arêas e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 412-421.

CERISIER, Alban; LACROIX, Delphine (Orgs.). **A bela história do Pequeno Príncipe**. Tradução Maria Helena Rouanet e Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. 3. ed. Tradução Fábio dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

EDUCAÇÃO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. ver. e atual. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 305.

FREITAS, Mauro Ricardo de. Uma abordagem filosófica da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry. **Revista Eletrônica de Filosofia Theoria**, Pouso Alegre, v. 7, n. 17, p. 11-28, 2015.

GONÇALVES, Antônio Sérgio. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec**, v. 1, n. 2, p. 129-135, ago. 2006. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/136/168>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a Filosofia**. 2. ed. Tradução Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **A ideia da fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. Quinta meditação. In: _____. **Meditações cartesianas**: Introdução à fenomenologia. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001. p. 104-163.

INTERSUBJETIVIDADE. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo (Orgs.). **Dicionário básico de Filosofia**. 3 ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.151.

INTERSUBJETIVIDADE. In: RUSS, Jacqueline. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994. p.155.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 51 ed. Tradução Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SIDI, Pilar de Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n.2, p. 216-221, jul./dez. 2007.